



AMADORAS DE CANTO—SR.ª D. MARIA COUTO

N.º 360 Lisboa, 13 de Janeiro de 1913

Assinatura para Portugal, colónias  
portuguezas e Hespanha:

Ano, 4\$80—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
**PORTUGUEZA**

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA ORAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 41

FARINHA  
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO  
para CRIANÇAS e pessoas  
edosas.



Os Cinco  
Últimos  
Perfumes

Rêve d'Ossian  
Convoitise  
Jardins d'Armide  
Cillet Louis XV  
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA  
L. LEGRAND  
11, Place de la Madeleine  
PARIS  
14-15, Conduit Street, LONDON

MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL  
PARIS 1900



Um perfume fortissimo de inexcédvel aroma  
n'um frasco muito elegante de cristal finissimo.  
Encontra-se em todas as boas casas que ven-  
dem perfumarias.

Para que viver

triste, miseravel, preocupado, sem amor, se-  
alegrias, sem felicidade quando é tão fa-  
obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CO-  
RESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS e LOT-  
RIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS  
professor YTALO, 33, BOULEVARD BON-  
NOUVELLE—PARIS.

A  
Sederia Suissa  
é a melhor!

Peçam as amostras das  
Dossas novidades em preto,  
branco ou em cor: *Tappetus*,  
*Changeante*, *Françaises*, *Crêpe*  
*de Chine*, *Duchesse*, *Ecosais*,  
*Eolienne*, *Mousse-  
line* de 120 cm. de largo,  
des de *Frax*, 1,25 metro,  
*Velludos e Peltu-  
ches* para vestidos e  
blusas, bem como os  
nossos *vestidos e*  
*blusas bordados em*  
*batiste, lá, tela e seda,*  
com verdadeiro bordado suíço.

Vendemos as nossas sederias dire-  
tamente aos particulares,  
francos de porte no domicilio.  
Schweizer & Co., Lucerne e 12 (Suíça)  
Exportação de Sederias.—Representação da Corte

Companhia do  
Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

ria e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (M-  
tergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de sei- milhões de kilos de  
papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem e-  
deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embralho. Tom-  
e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qua-  
lidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel an-  
mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusi-  
das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 5

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephonic: **Lisboa, 605 — Porto, 11**

CAPITAL

Accões .....	360.000\$00
Obrigações .....	323.910\$00
Fundos de reserva e de amortização ..	266.400\$00
Reis .....	950.310\$00

# Feiras Portuguezas



As feiras representam hoje uma interessante sobrevivência de um estado economico e social inferior.

Nascidas durante o obscurantismo da meia idade, em que o commercio gosava uma vida precaria, devido ás instituições senhoriaes e ás difficuldades dos meios de comunicação, tiveram um papel importantissimo, facilitando em tão remotas eras a aproximação entre produtores e consumidores. Disfrutaram n'aquella epoca enorme celebridade na Alemanha as feiras de Aix-la-Chapelle, Francfort sobre o-Meno e Leipzig, esta ultima notabilissima pelo grande commercio do livro; na Inglaterra, as de Londres, Newcastle, Bristol, Nottingham, Oxford; na França, as de Bordeaux, Ruão, Caen, Dijon, Tolosa, Lião, Champagne; na Flandres, as de Brujes, Lille, Thourout; na Hespanha, as de Burgos e Medina del Campo.

Em Portugal, nos primeiros tempos da nossa nacionalidade, são muito escasas as noticias acerca da realisação de feiras. O mais antigo vestigio da sua existencia encontra-se no foral de Ponte de Lima, datado de 1125: n'ele se sanciona a multa de sessenta soldos áquele que causar prejuizo ás pessoas que de qualquer logar concorreram á feira, quer



1—Atravessando o Mondego no regresso da feira de Montemor-o-Velho.  
2—N'um recanto da feira: Juvenis feirantes.



1

na vinda quer no regresso.

Na vila de Constan-  
tim, em Traz-os-Mon-  
tes, realisou-se durante  
o seculo XII, e, ainda  
nos primeiros quartéis  
do seculo seguinte, uma  
feira importante, de que  
ha bastas referencias  
nos documentos da epo-  
ca.

E', porém, a partir  
da segunda metade do  
seculo XIII, coincidindo  
com o aumento da  
circulação monetaria,  
que encontramos inu-  
meras feiras periodi-  
cas em todas as pro-  
vincias, instituidas pe-  
lo soberano, quer na  
carta foral que confere-  
ria á terra, quer em  
diploma especial.

Já em 1260, Afonso  
III, como consta da  
sua *Chancelaria*, fun-  
dou a feira anual da  
Covilhã, que tin-  
ha lugar oito  
dias antes e oito  
depois da festa  
de Santa Maria,  
rodeando de va-  
liosos privilegios  
todos os que a  
ela concorriam.  
Assim, nenhum  
comprador ou  
vendedor que lá  
fosse podia ser  
preso por di-  
vidas du-  
rante  
trinta  
dias, a  
come-  
çar no

oitavo anterior á feira, excéto quan-  
do n'ela as tivesse contraído; não  
devendo tão pouco receiar pela sua  
segurança pessoal, que estava per-  
feitamente garantida: aquele que  
maltratasse os que viessem á feira  
pagava seis mil soldos ao rei e o  
dobro ao lesado!

Ha quem pretenda attribuir ás fei-  
ras uma origem religiosa, estriban-  
do tal opinião no facto da egreja  
em algumas d'elas ter realisado cer-  
tas praticas, e na coincidência da  
sua reunião com dias festivos de  
comemoração de templos, e dos

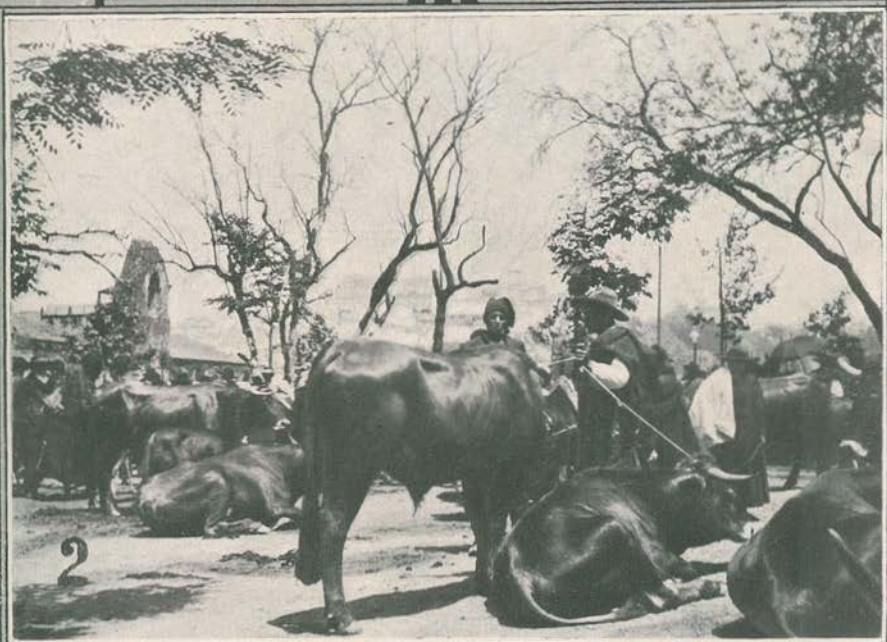


2



3

patronos, ou da  
exposição de  
reliquias. Tra-  
ta-se manifesta-  
mente d'uma confu-  
são, visto que o fe-  
nomeno economico  
facilmente transpa-  
rece. E' certo, po-  
rém, que a egreja  
muitas vezes procurou  
tirar partido d'e-  
las, aproveitando o  
grande concurso de  
povo que para a sua  
realização se ajun-  
tava. Um facto  
apenas basta para  
fundamentar  
semelhante  
opinião. As freiras  
claristas de  
Coimbra,



1—Evora: Feira de S. João. Mercado da louça. 2—Coimbra: Feira dos 23 no Rocio de Santa Clara.  
3—Evora: Feira de S. João: esteiras e cestos.



representaram a D. João V, para que se fizesse uma feira no pátio do seu convento, durante as festas da Rainha Santa, para maior aplauso da dita festa e para aumentar no concurso dos povos a devoção, o que lhes foi concedido por provisão de 14 de março de 1724. Ouvido o conselho da fazenda real, foi mais tarde esta feira, em 1748, elevada à categoria de *feira franca*, sendo todos os negociantes de Coimbra obrigados, sob pena de prisão e cinquenta cruzados de multa, a irem lá vender as suas mercadorias, ou a fecharem as suas lojas, abstendo-se de vender durante tres dias, para que a ela não faltasse concorrência e luzimento! Esta feira, que está na maior decadência



1—Aveiro: Feira de Março. 2—Maiorca: Feira dos 17. O ajuste de um leitão. 3—Feira de Guimarães, junto ao castelo.

cia, ainda hoje se realiza, e será bom não a confundir com a feira de gado e generos de consumo dos 23 de cada mez, que tem logar em baixo no *rocio* do velho mosteiro de Santa

Clara, e que foi instituida em 1835. Hoje as feiras entraram, salvo excções rarissimas, no periodo agonico, representando, como dissemos atraz, curiosas sobrevivencias de passa-



das eras, mantidas apenas pelas fortes correntes da tradição. Como as romarias, obrigando á reunião da população dispersa, que n'elas se apresenta com os seus trajes regionaes e proprios, eivados da maior ou menor pureza, que o progresso do industrialismo sempre crescente ho e permite, as feiras são, as mais das vezes, um espetáculo digno de admiração, caracteristicamente popular, fornecendo abundante assunto de observação e de estudo aos prescurtadores da etnografia e da economia nacionaes. As produções naturaes da região, os produtos das pequenas industrias locais, tão curiosas na sua singeleza e ingenuidade, acorrem ás feiras como a nenhum outro local. E' vèr na feira da Agonia, no mez de agosto, em Viana do Castelo, as garridas *toilettes* das lindas mulheres d'aquela paradisíaca região; na feira de S. João, em Evora, as mobilias pintalgadas de vivas côres, que são um produto tão característico da industria local da vetusta capital a'emtejana; na feira de março, a 25, em Aveiro, os barcos *moliceiros*, destinados ao transporte dos limos da ria, que lá aparecem ás centenas, com as suas prôas e pôpas sarapintadas bizarramente; na feira de Leça do Bailio, nos arredores do Porto, tambem em meados de março, os li: dos jugos tão prodigamente ornamentados, que são usados pelos bois nas regiões do norte do paiz! Transações importantissimas, em que se movimentam quantiosos capitães, realisam-se nas feiras, bastando citar o negocio das lãs, dos queijos e do gado na feira de junho em Evora; dos cereaes, na de Montemór-o-Velho, no coração dos campos do Mondego; o gado nas da Golezã, Viãa Viçosa e Santarem,

etc. E, para terminar, não esqueçamos citar, como manifestação d'um alto grau de degenerescencia, devida ao influxo da civilização citadina cosmopolita, as feiras d'Alcantara e d'Agosto, na capital, e recordemos tambem outras duas em que ha ainda um acentuado cunho tradicional: a feira dos moços, no Porto, em todas as terç:s-feiras de abril, onde se contratam os creados da lavoura, e a feira da Ladra, em Lisboa, á qual já se referia, no seculo XVIII, Serão de Castro, no poema *Os ratos da inquisição*.



MESQUITA DE FIGUEIREDO.

(Clichés do autor).

1—Soure: Feira de S. Mateus, em 2 de setembro. 2—Feira de porcos em Coimbra. 3—Coimbra. Outro atp. et. da feira: Boa mãe...

# O SONHO DO ARQUIDUQUE FRANCISCO FERNANDO



1—O príncipe Ernesto de Hohenzberg, filho primogenito do arquiduke Francisco Fernando d'Este.  
2—A princeza Sofia e o príncipe Maximiliano de Hohenzberg, filhos do arquiduke Francisco Fernando.

Um jornalista francez teve a fantasia de imaginar o arquiduke herdeiro do trono d'Austria Francisco Fernando a so-



3—O arquiduke Francisco Fernando. 4—A condessa Chotek, esposa do arquiduke.  
5—O que seria a Austria Slava, segundo o sonho do arquiduke.



nhar na noite de Natal, junto ao fogão do seu palácio, um predomínio austriaco nos Balkans, toda uma política transformada, a Europa dependendo das idéas do sobrinho de Francisco José. Emfim, a fantasia.

Se é certo que as propostas do conde Bertchodt geraram em parte a efervescencia balkanica não se concebe que um príncipe, até hoje desconhecido como político, tenha arrojados de tal jaez. Isto é o que afirmam os pouco devotados a acreditar nos sonhos do arquiduque. Outros, porém, pensam que ele já deu até alguns passos para realizar essa obra singular, digna de um Carlos V, de quem é descendente.



dente. De resto, os Halsburgos sempre foram bizarras na sua vida; por vezes genias nas suas concessões.

O arquiduque pensaria em crear uma serie de principados nos logares que teem as suas tradições e fazer depois uma confederação bem mais poderosa que a da Alemanha. A Hungria seria um reino com o seu soberano; a Bohemia teria a sua autonomia e um príncipe; a Servia dar-se-hia a Slavonia e ao Montenegro uma parte da Dalmacia e da Hezergovina; a Polonia seria concedido aquilo que ella pede depois de ter derramado muito sangue para o conseguir: a liberdade e um rei nacional.



2



3



4

1—O imperador da Austria com todos os seus attributos reaes e imperiaes. 2—A arquiduqueza Valeria, esposa de Francisco Salvador. 3—O arquiduque Francisco Salvador, que succederia no trono d'Austria se o arquiduque Francisco Fernando desistisse. 4—O imperador Francisco José com o seu estado-maior.



D'este modo nasceria o imperio slavo e, sôb a corôa dos Habsburgos, a politica europeia seria transformada.

Diz-se mesmo que n'uma parti.a de caça, nas montanhas da Galitzia, correndo o urso selvagem, o arquiduque deixou transparecer os seus desejos a um grande senhor hungaro, que seria, talvez, o futuro soberano no reino separado.

Ha, porém, quem mais a mais acredite n'este sonho á medida que o tempo vae passando, aproximando fatalmente a morte do velho imperador. N'esse momento a Hungria terá a sua autonomia.

A condessa Chotek, a arquiduqueza esposa de Francisco Fernando, não sendo de san-



1—O conde de Bertchold, ministro dos estrangeiros austriaco, e cujas propostas geraram em parte o conflito baltanico. (Clichê Archives do Miroir) 2—O render da guarda no palacio real de Vienna. 3—Como se anuncia o imperador ao exercita

gue real, não pôde, pela lei, ser coroada imperatriz. Essa mulher singular, que ele adora e que pouco a pouco tem sabido ganhar a alma nacional e subir na côrte mais cerimoniosa do mundo, onde entrou pelo seu casamento quasi morganatico, seria a causa de todos esses sonhos.

Transformado rapidamente tudo, engrandecida a Austria, mudada a politica, havendo nos Balkans a força enorme e creando mais cabeças á aguia bicefala aos Habsburgos, ninguem se prenderia com uma questão de tradições e a condessa Chotek poderia, em vez d'uma esposa apagada no cerimonial da côrte, pôr na sua cabeça inteligente o diadema imperial, caído da frente bela e perturbada da imperatriz falecida.



# AS SAUDAÇÕES DO NOVO ANO



1—O Presidente da Republica, á saída do Congresso, quando ali foi agradecer as visitas dos membros das duas Camaras.

2—O general comandante e a officialidade da guarda republicana que foi a Belem cumprimentar o chefe do Estado.

(Clichés de Benotiel)

# Paisagens

O inverno desguarnea as arvores, dá aos troncos nudezes e fustiga-os. quebra os ramos e faz sobre os arvoredos, os montes, as serras, as penedias uma aboboda côr de chumbo que, em alguns dias, nos climas amenos como o nosso, se funde n'uma placa d'oi-

# de inverno

veem as enxurradas rijamente, descem pelos comoros, sulcam leitões como se cavassem rios, tornam-se em catadupas que veem devastando e arrazando tudo. Nas manhãs, as arvores miram tristemente na água em poçada que já causou desastres, os seus ramos desfolhados,



ro. Então a tristeza da paisagem tem uns instantes de alegria,

como um rosto melancólico que um sorriso ilumina. Ha no inverno noites de luar sem igual, lindas, resplandecentes, d'uma paz imensa, d'uma suavidade tocante.

Por vezes o vendaval rugue, sopra furioso o vento que destelha os caes, leva n'um redemoinho as folhas secas, derroca os muros e abate os velhos arvoredos apodrecidos; do topo das serras

O amanhecer no inverno

como braços suplicantes erguidos pedindo socorro; os carros campezinos immobilizados nos atoleiros, os animaes abatidos encolhem-se friorentos nos curraes ou quedam-se no meio das lezirias alagadas, como espantados; os homens teem em si um ar de fatalidade.

Nas casas ha outra fisionomia—porque as moradas têm-na;—a chuva escorreu pelas paredes, lavou-as, a luz frouxa mudou-lhes o ar, como tornou menos bela a terra, menos interessante a vida que nada é sem luz, sem cintilações, sem sol.

A passagem do inverno é sempre triste,



desde os rios, que se paralisam algumas vezes, aos arvoredos, que parecem fantasmas envoltos em sudarios, hirtos, estranhos, eretos nas terras alvas onde ha reflexos azulinos.

As fotografias que publicamos dão bem a impressão d'algumas paisagens de inverno na nossa terra, onde rara é a semana sem sol e onde, por

1.—Pinheiros mansos á tardinha.  
2.—Luar de janeiro não tem parceiro.  
(Clichés do sr. João de Magalhães Junior)



quer seja no nosso Portugal que as intempéries mais poupam, quer nos paizes onde gela muito e tudo se mete n'uma manta branca, desde as altas montanhas aos tetos dos vales,

consequencia, esta estação é menos rigorosa e menos tristonha que na maioria dos paizes, onde a sua aproximação se tem como um flagelo.

# VIDA COLONIAL EM TIMOR



A divisão territorial da ilha compreende de um grande numero de estados ou reinos indígenas, divididos em *succos* e subdivididos em *datos*. Considerando o reino um distrito, o *succo* corresponderia a um concelho e o *dato* a uma paróquia ou freguezia. Em alguns estados existem *succos* encravados, que pertencem à jurisdição de outro estado.

Cada estado está subordinado a um chefe ou regulo chamado *Lit-ray*, que é o senhor. Os *datos* e *tumungões* são chefes de categorias imediatamente inferiores. O regulo tem a gradação de coronel de segunda linha, que lhe é dispensada por portaria do governo



distrital e ao seu lado figura uma serie de funcionarios administrativos com gradações militares de tenente coronel até cabo. O timor pertence á grande familia malaia: é humilde e obediente quando bem tratado; vingativo e traiçoeiro quando mal tratado; é de compreensão de mo rada, dotado de um grande poder imaginativo e indifferente a tudo; até a propria morte aceita com placidez.

O indigena não tem religião propria: alguns dizem-se cristãos, outros mahometanos, outros budhistas, outros sectarios de Confucio: no fundo, porém, são fetichistas.

Em Timor ha uma grande diversidade de lin-

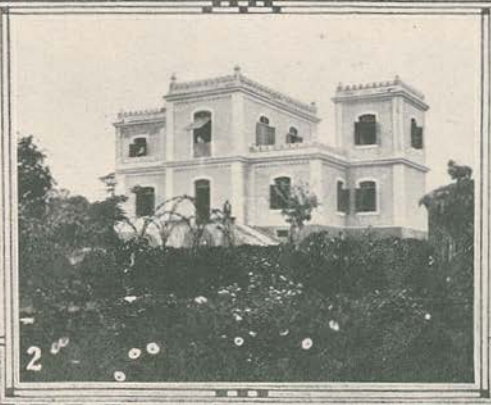


1—Museu e jardins em Dilly. 3—Séde da missão portugueza de Dilly.



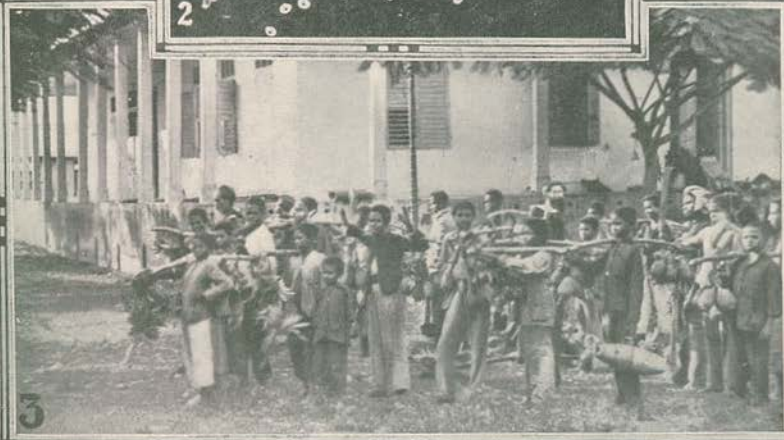
1—Batalhão indígena.

guas: os habitantes do litoral falam, em geral, o *tetum*, mais vulgarizado na ilha; nas montanhas fala-se o *galloli*, *macaai*, *kémac*, *mambae*, *bunac*, *uaima*, *cairuhy*, *meidiq*, *dagdá* e *idá* e outros idiomas. Acontece



2—Paços do concelho de Aedipulo.

frequentemente que povoações de reinos diferentes, separados apenas por limites não naturais e distantes meia duzia de metros, se exprimem em linguas diversas. Assim, como exemplo mais frisante, o reino de Marôbo e o de Bo-



3—Indigenas em Dilly.

bunaro — Lamakitos—na região de sudoeste, falam respetivamente o *kimac* e o *bunac*.

O timor conserva intactos os preconceitos a que se encontravam adstritos os seus antepassados, e, quanto mais antigos são, mais os venera. O adivinho é para ele um ente superior, dotado d'um sobrenaturalismo contra o qual por fôrma alguma se insurgiria. O fetiche é a causa principal de todos os males: ninguém adocece, morre, nem ha desastres que não sejam provocados pelo feitiço, *suang*. E desgraçado d'aquêle que o adivinho designar como sendo o autor. Se não escapa á perseguição, sucumbe á vindicta dos parentes, com

lher não mudará de nacionalidade e que os filhos ficarão pertencendo á nacionalidade da mãe. Póde, contudo, deixar de ser um contrato oneroso para o noivo, se ele concordar em viver na povoação da consorte. Esta condição só se realisa quando o noivo é absolutamente pobre, porque, aferrado como o timor é á tradição, difficilmente se resigna a renunciar á sua terra.

Quando algum timor morre, o cadaver, depois de amortalhado, é metido u'um caixão cavado no tronco de uma arvore, e o enterro só se faz depois de ter sido identificado por todos os parentes e conhecidos.



aplauzo geral da povoação. O feitiço paralisa toda a ação do timor; não ha força humana que o obrigue a aproximar-se d'ele.

A pratica tradicional, *estilo*, tem para o timor a força d'uma instituição. Afrontaria a lei, submeter-se-ia a todas as provações para a não transgredir. O casamento, *barlaque*, é um contrato de natureza puramente civil, em que a nubente é concedida pelos paes ao noivo a troco de alguns valores, estabelecendo-se préviamente a condição de que a mu-



1—Gente de Laclubar, depois da inauguração da igreja de Soibada. 2—Farol e casa da guarda do paiol em Dilly.



Mas o *estilo* não se circumscreve a fatos da vida normal, abrange toda e qualquer ação individual ou coletiva, por mais acidental ou extraordinária. Assim, por exemplo, a vitória guerreira é assinalada por uma série de festejos que tocam a raia da demencia e nos quaes sobresaie a *dança das abeças*, dança macabra em que as cabeças dos vendidos, homens, mulheres e creanças, indis-

cendo ao regulo, dato ou tumungão podem igualmente provir de compra e, n'este caso, a todos é licito possu'í-los. Não são maltratados e podem facilmente adquirir a liberdade.

Ha uma outra especie de escravos, que se encontram adstritos á gleba, chamados *lutuum*. Esses não podem ser vendidos.

As mulheres indigenas gosam da mais ampla liberdade, tratam do serviço domestico e acom-



Rua José Maria Marques,  
em Dilly.

tintamente, são arrastadas na praça publica aos pontapés de uma turba-multa ululante e sedenta de emoções brutae. Guerreiro que regressse dos campos de rapina sem se fazer acompanhar de cabeças para esse *football* satânico é guerreiro desacreditado, não serve para cabo de guerra.

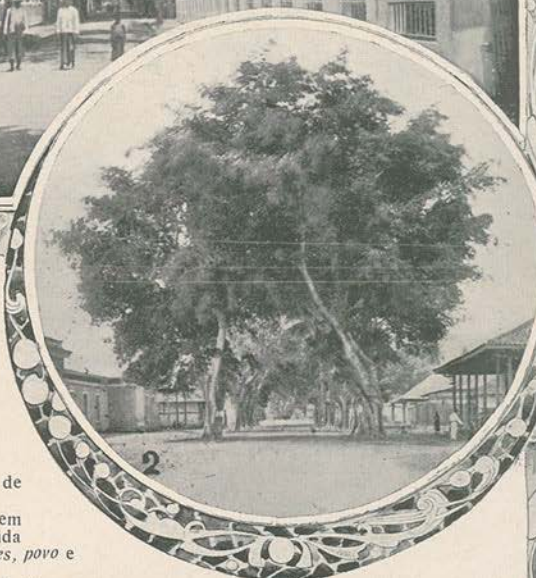
Os timores não estão divididos em castas: a escala social é constituída por quatro grupos: *datos*, *tumungões*, *povo* e *escravos*.

*Dato* é todo o individuo de elevada hierarquia, que exerce um logar importante na administração local; é o conselheiro do regulo.

*Tumungão* é uma autoridade imediatamente inferior e serve de cabo de guerra.

*Povo* é a grande massa que trabalha, produz e serve de soldada.

Os *escravos* são homens e mulheres que, sendo prisioneiros de guerra, ficam pertenc-

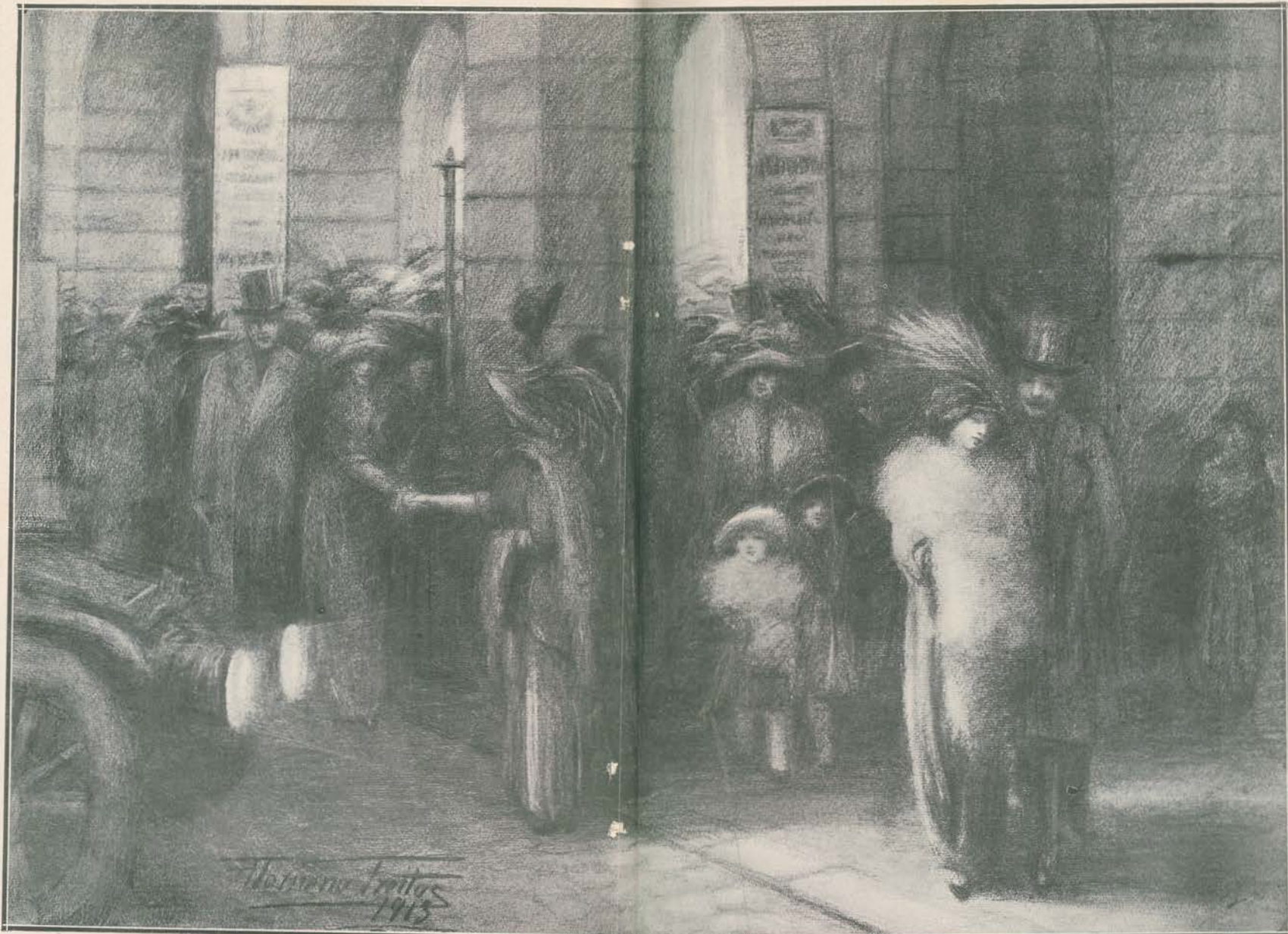


Rua do Comercio, em Dilly.

panham os homens aos campos; em coisa alguma são consideradas inferiores.

O temor é poligamo, extremamente frugal, de pouca alimentação, e passa, ás vezes, dias sem necessidade de preparar a comida.

ALFREDO DA COSTA E ANDRADE.

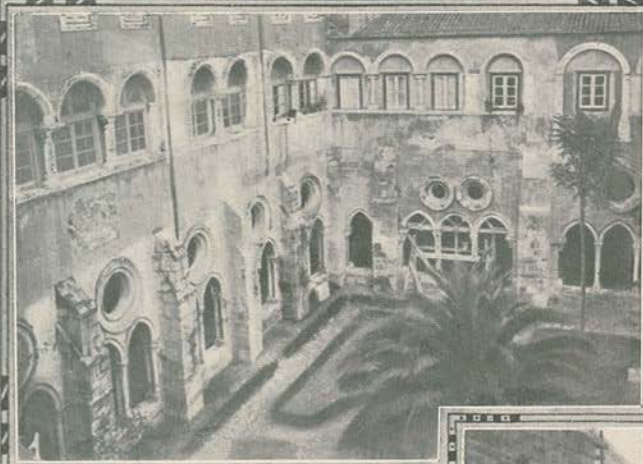


EM LISBOA: Saída do teatro

(Desenho da sr.ª D. Filomena Freitas)

# NA SÉ DE LISBOA

tempo do Mestre de Aviz se arre-  
messou um bis-  
po inimigo do  
povo, foram des-  
critas, assim co-  
mo as outras  
partes interes-  
santes do tem-  
plo, anterior a



A Sociedade dos Arqueologos vi-  
sita a Sé de Lisboa, que está em  
reconstrução. Nos claustros magní-  
ficos passaram os visitantes dete-  
ndo-se em varios pontos para escuta-  
rem as preleções autorisadas do sr.  
Francisco O' Sullivand, desenhador  
das obras publicas, que ha trinta  
anos presta serviços na catedral e  
que o arquiteto sr. Antonio Couto  
convidara para aquele fim.

Todas as lendas conhecidas, as  
datas historicas, os trechos princi-  
pales, desde a capela de Bartolomeu  
Joannes até ás torres, de onde no



D. Afonso Hen-  
riques.

Tambem os vi-  
sitantes estive-  
ram no antigo  
tesouro da Sé,  
onde admiraram  
as pedras recen-  
tamente encon-  
tradas e pelas  
quaes se reconsti-  
tue a primitiva  
rosacea do mo-  
numento.

1—Os claustros da Sé de Lisboa. 3—Trecho das obras de reconstrução da Sé.  
3—Os arqueologos na Sé. — (Clichés de Beniel)

# POLITICA HESPANHOLA

Causou uma grande impressão em Hespanha e fez sensação na Europa o gesto do chefe da politica conservadora, Maura, renunciar á vida publi-

1



Maura entendeu que, diante da crise, o rei Afonso XIII o devia ter chamado a formar gabinete e, como isso não se dêsse, delibrou passar para sempre á vida privada, no que

2



2—D. Juan Lacierva.

ca, levando os mais ilustres e poderosos elementos da sua facção, entre eles Lacierva, a renunciarem aos logares no parlamento.

Era como

3



3—D. Angel Osorio y Galiardo

o acompanharam alguns dos seus amigos, não acabando todavia o partido conservador. Apesar das sollicitações dos seus partidarios,

1—Maura, o chefe conservador que abandonou a politica

nova, feita de concessões e conduzida habilmente diante das reivindicações populares, dia a dia menos possíveis de desatender.

4



4—Marquês de Figueiróa.

se a velha Hespanha conservadora se retraisse, sentindo avançar a onda de modernismo, a poli-

5



5—D. Abilio Calderon

Maura declarou ser a sua resolução inabalavel e retirou-se para o campo.

# A guerra dos Balkans



O orgulho germanico, a tatica e os armamentos alemães, as condições de comando dos seus officiaes sofreram um rude golpe diante das successivas derrotas turcas.

Fôra o general von der Glotz o encarregado de mobilisar, instruir e adextrar esse exercito numeroso, recebendo a patente de marechal, exatamente como, no reinado de D. José, succedeu com o prussiano conde de Lippe, em Portugal. As derrotas nasceram da má qualidade da artilharia e da superioridade dos armamentos francezes, que os bulgaros empregaram nas suas destemidas e vitoriosas investidas, que lhes deram o mais extraordinario triunfo guerreiro da actualidade.

Apesar de tudo, a Turquia queria, a certa altura das ne-

gociações da paz, continuar a guerra, ligando se, porém, uma grande importancia á influencia da Alemanha no assunto, pelo qual se teria entendido com a Russia, como prova a visita tão discutida do ministro da guerra moscovita a Berlim, onde foi solenemente recebido.


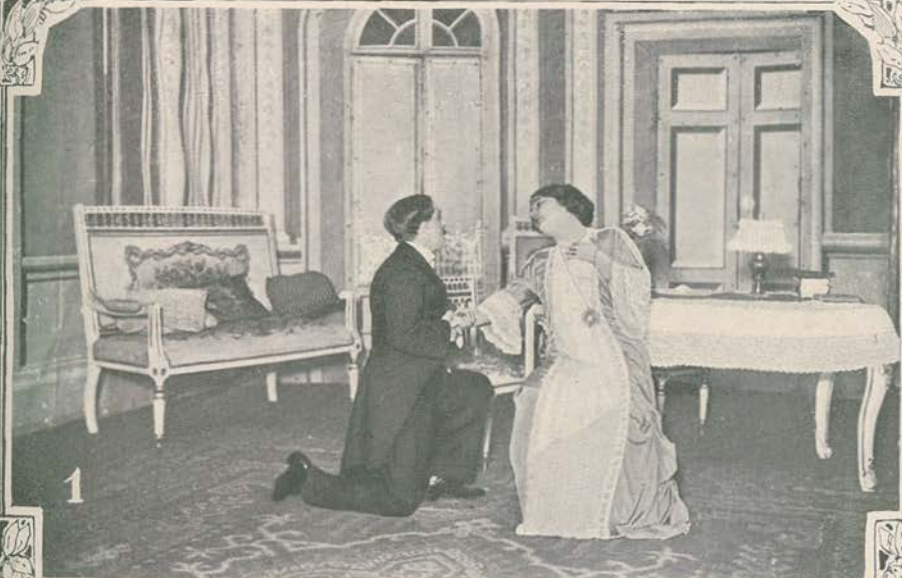
Von der Glotz pediu a sua demissão e regressou á sua patria, depois de ter assistido ao desmornar do seu longo e paciente trabalho de organização, que circumstancias poderosas aniquilaram.



1—O general alemão von der Glotz, que comandou o exercito turco, e cuja personalidade tem sido discutida diante das derrotas otomanas e os seus a udantes. 2—O general Soukhmolinoff, ministro da guerra russo, que visitou o imperador Guilherme, em Potsdam, afim de notificar as disposições do governo russo perante o confito balkanico. (Clichés Archives du Miroir)


# A DESHONRA,

PEÇA DE D. JOÃO DE CASTRO,  
QUE SE REPRESENTOU  
NO REPUBLICA



A peça que se representou com sucesso no Republica, sob o título *A Deshonra*, é extraída d'um romance

do seu autor, sr. D. João de Castro, e é um doloroso, extranho e comovente episodio, tratado com brilho literario.



1—Uma cena do 1.º ato. 2—Uma cena do 3.º ato.—(Clichés de Benoliel)

# Figuras e Factos

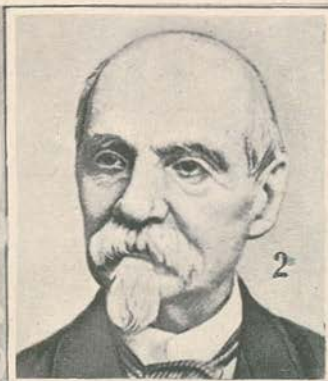


O sr. Pedro Stockler Salema Garçon, pae do illustre jornalista Maier Garçon, faleceu em 3 de janeiro. Era um velho republicano e pertencia á familia do poeta illustre que no tempo do marquez de Pombal tanto soffreu, o infortunado Garçon.

O sr. dr. José Homem da Silveira Sampaio e Melo, juiz da Relação de Lisboa, que faleceu em 2 de janeiro, era um magistrado venerando, tendo dado, durante a sua carreira, as mais completas provas de integridade e intelligencia.



1—Sr. dr. José Homem de Sampaio e Melo, juiz da Relação, falecido em 2 de janeiro. 2—Sr. Pedro Stockler Salema Garçon, falecido em 3 de janeiro. 3—A arte da beleza em Lisboa: novo consultorio da especialidade de que é proprietaria a sr.<sup>ta</sup> D. J. Campos e a cuja inauguração em 6 de janeiro assistiu um representante da «Ilustração Portuguesa». 4—A corporação dos primeiros cabos, que fazem parte do contingente que seguiu no «Malange» para a guarnição de Leanda.



1—O cenografo Cactano Carrancini, que faleceu recentemente. 2—O decano dos republicanos, José de Souza Larcher a quem ha pouco se pretára homenagem, e que faleceu com 91 anos, em 3 de Janeiro. 3—Sr. dr. Alfredo Schultz, diretor de enfermaria do manicômio Bombarda, falecido em 3 de Janeiro.

Faleceu o velho republicano Sousa Larcher, que fôra um devotado companheiro de Elias Garcia, Sousa Brandão e Latino Coelho, militando com uma verdadeira e inabalavel fé no partido, de que era o decano. Récebera ha pouco a consagração publica ao ver desfilar deante da sua casa as agremiações populares, os apostolos da republica que não se esqueceu de saudar esse velho que assistira ao inicio da sua propaganda.



4—Sr. Domingos Dias Machado, que faleceu ha pouco na quinta da Picanceira, em Mafra, legando ao concelho uma grande parte da sua fortuna.

O sr. Domingos Dias Machado foi um benemerito e bem o demonstra o seu testamento, baseado n'um alto espirito de caridade e retidão. Não esqueceu os infelizes; não deixou de pensar nas amarguras e enfermidades dos que precisam valer-se dos recursos dos outros para se tratarem. Deixou legados para hospitaes e tambem para o seu custeio, fazendo a afirmação da bondade e da generosidade da sua alma.



5—Soldados da guarda republicana aquartelados em Sines, sendo 30 contos para a construção d'um hospital e 40 contos para a fundação d'um outro hospital na Urselina, S. Jorge.



O automobilismo ganhou entre nós um grande incremento. Estabelecendo bem as proporções, encontra-se, sem duvida, que Portugal é um dos paizes onde ha maior numero de automoveis. Não foi só nas capitais que elles appareceram com as suas comodi-

as aldeias distantes das vias ferreas. Aos automoveis de luxo succederam-se logo os de transporte, os de viação publica, os camions, que substituiram as velhas delicias, os antiquados veiculos desconjuntados e morosos.

Na Sociedade Portugueza

dades, o seu luxo, a sua elegancia, transpondo rapidamente as distancias; tambem pelas cidades provincianas, pelas vilas, surgiram em grande numero, tornando assim mais facil as communicões, ligando



d'Automoveis installou-se uma exposiçõ dos mais variados tipos de carros com carroserie nacional, que provou bem o grau de adiantamento e os successivos e admiraveis progressos d'essa industria entrenós.

A exposiçõ automobilista na Sociedade Portugueza d'Automoveis



Grupo republicano portuguez de Curitiba, (Paraná), a que se deve a comemoraçõ da Republica, e que entrou na subscriçõ para os aeroplanos do 'Seculo', iniciada pelo nosso estimavel compatriota sr. Americo F. Dias.

# ANGRA DO HEROISMO UM CASAMENTO ELEGANTE

No dia 21 de dezembro realçou-se em Angra do Heroísmo o casamento do sr. D. José Sieuve de Menezes Lemos Carvalho da Camara Sá Coutinho com a sr.<sup>a</sup> D. Anna de Menezes e Cunha da Silveira Betencourt.

O noivo é filho do sr. conde de Sieuve de Menezes, neto paterno do 1.<sup>o</sup> conde d'este titulo, antigo par do reino, e neto materno do morgado Vital de Betencourt, representando uma velha e autentica nobreza açoreana. A noiva, prima do

noivo, é filha do sr. Raimundo de Menezes e Cunha, neto paterno do barão de Guadalupe, representando uma velha familia da ilha da Graciosa.

O noivo é muito conhecido e estimado na sociedade terceirense e a noiva uma gentilissima e interessante menina, dos mais formosos dotes do coração.

O casamento realçou-se na parochial de S. Pedro, indo os noivos residir para o palacio de S. Pedro, solar dos condes de Sieuve de Menezes.



1—Os noivos. 2—Alguns dos convidados á saída da igreja e entre eles a sr.<sup>a</sup> condessa Sieuve de Menezes, as esposas do sr. dr. Afonso de Carvalho, governador civil, e do sr. dr. Ferreira Deusdado, as sr.<sup>as</sup> viscondessa de Aqualva e condessa de Rego Botelho.

# OS CUMPRIMENTOS DO NOVO ANO



Mais que em nenhum ano foi revestida d'uma grande imponencia a recção presidencial em Belem, á qual não faltou um só dos diplomatas acreditados em Lisboa.

O Presidente de Republica foi tambem ao Congresso, onde o receberam de-



1—Na recção de Belem: Os secretarios da legação de Hespanha. 2—Os ministros de Italia e da Argentina. 3—O ministro e o secretario da Inglaterra.

putações das duas casas do parlamento, a quem retribuiu os cumprimentos que lhe tinham ido fazer ao palacio presidencial. Officiaes de todas as armas, magistrados, deputações de coletividades, varias agremiações politicas, cientifi-



cas e literarias, assim como os politicos em evidencia, saudaram, na entrada do anno novo, o chefe do Estado, que recebeu uma grande numero de cartas e telegramas de todos os pontos do paiz.

Depois da recção so-



1—O ministro e os secretários da Alemanha. 2—Os ministros da França e da Russia.  
3—Os ministros do Uruguay e da Nicaragua.



O presidente da República na janela do palácio de Belem no dia da recepção



O chefe do Estado á entrada do Congresso, onde o receberam o presidente do Senado, sr. Anselmo Braamcamp, e outros parlamentares

lene o palacio foi fran-  
queado a todos os que  
quizeram cumprimen-  
tar o sr. dr. Manuel de  
Arriaga, desfilando en-  
tão na sua presença os  
representantes de inu-  
meras coletividades popu-  
lares.

D'este modo se cele-



1—O ministro  
dos Estados  
Unidos.

brou o pri-  
meiro do  
ano, tendo  
se cabal-  
mente de-  
monstra  
do pela espon-  
taneidade  
das mani-  
festações,  
quanto é  
querido e  
respeitado  
o Presiden-  
te da Re-  
publica.



2



4



3

2—O ministro e o se-  
cretario do Brazil, sr.  
Belford Ramos.  
3—O ministro do Mexico

# A exposição de pintura ao ar livre



1—Geranios e malmequeres, quadro de Carlos Reis.  
2—Sr. Carlos Reis.  
3—Sr. Falcão Trigoso.



Os distintos artistas Carlos Reis, Trigoso e Saude realizaram, como de costume, a sua exposição anual, onde apareceram magnificas, telas que mais uma vez afirmam as gran-

des qualidades d'esses pintores da escola do ar livre e que já tantos trabalhos consagrados teem dado á arte nacional, de que são dos principaes cultores.



4—Praia de Lagos: 'Solitario,' de sr. Falcão Trigoso.  
5—Sr. Antonio Saude.  
6—Extremadura (Santarem) (Clichés Benoliel).





# FIGURAS E FACTOS



1

1—Os representantes da Associação dos Logistas que foram cumprimentar a Câmara Municipal e entregar-lhe uma mensagem.

(Cliché de Benoliel)

A Associação dos Logistas foi no final do ano cumprimentar a Câmara Municipal pela sua boa administração, entregando uma mensagem ao seu digno presidente.



2—Sr. Vitor Sasseti, recentemente falecido.



3—Sr. D. João de Castro, autor da peça a «Deshonra», representada no teatro da Republica.



4—Os convidados, pessoal, empregados representantes da imprensa e familia dos importantes industriais sr. Francisco Henriques e José Vicente d'Oliveira, no dia do almoço nas suas novas instalações.—(Cliché de Benoliel)